ASSIS CINTRA

A REABILITAÇÃO HISTORICA DE Calabar

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

RIO

A REABILITAÇÃO HISTORICA DE CALABAR

ASSIS CINTRA

A REABILITAÇÃO HISTORICA DE CALABAR

Estudo documentado, onde prova que Calabar não foi traidor

Depoimento — Acusação
— Defesa e reabilitação

1933

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. A. — EDITORA
RUA DO LAVRADIO, 160
— RIO DE JANEIRO —

PRELIMINARES

O visconde de Porto Seguro affirmou em seu livro "Os hollandezes no Brasil" e em sua "Historia do Brasil" que Calabar se bandeara para os hollandêses por ter commettido furtos e roubos e temer o merecido castigo; e Viriato Corrêa disse que não está apurado que Calabar tivesse commettido furtos, nem mudasse de bandeira por esse motivo, e sim fora levado pela ambição, trahindo os seus companheiros de armas para receber dinheiro dos hollandêzes. Entretanto, nem isto tambem está apurado.

Nem por ser um ladravaz e temer castigos, nem por ser um mercenario que punha

a sua espada em leilão, o pernambucano Domingos Fernandes Calabar passou do acampamento dos portuguêses e hespanhóes para o dos hollandêses.

Duarte Coelho de Albuquerque, irmão do general commandante das tropas que se batiam contra Hollanda, escreveu relatorios diarios dessa campanha, no caracter de commissario de el-rei, senhor absoluto de Hespanha, Portugal e Brasil. Esse fidalgo, que era conde de Penambuco e Marquez de Basto, relata no dia 20 de abril de 1632 que o general Mathias de Albuquerque sentiu muito a deserção de Calabar "*porque Calabar tinha muito valor e muito talento*". Em seguida conta que "*o general inimigo o recebeu de braços abertos e com muita alegria*".

O chefe português não sentiria assim a sahida de um ladrão do seu campo, nem o general hollandês acolheria alegre e honrosamente um judas desclassificado.

Mathias de Albuquerque, em nome do rei, offereceu ao desertor, para que elle

voltasse ao exercito donde sahira, o posto de coronel (mestre de campo), 50.000 cruzados em ouro, uma tença real, o titulo de "Don", os fóros de nobreza com brazões de armas, o Habito de Christo (honra sómente concedida aos heroes e notaveis) e a restituição dos seus engenhos de assucar que tinham sido confiscados. Seria crivel que el-rei e o seu general na guerra do Brasil offerecesse fidalguia ou fóros de nobreza e o posto de coronel ou mestre de campo a um réles gatuno que fugira por mêdo de castigos? Certo, não ha fundamento na accusação, nascida do odio de frei Manoel Callado.

O jesuita padre Galanti, dizendo não acreditar na existencia dos furtos e crimes de Calabar, expõe uma nova hypothese como se vae vêr:

— "Não consta pela historia que Calabar tivesse roubado ou commetido algum outro crime. Por outro lado o marquez de Basto, como irmão de Mathias de Albuquerque, é suspeito; e a autoridade de frei

Callado, nos factos dos primeiros annos da guerra é muito pequena, porque frequentes vezes é pouco exacto (1) — De certo elle não praticou esses crimes depois de assentar praça, porque era militar distincto; e não podia ser perseguido por crimes que tivesse perpetrado antes da guerra, visto que Mathias de Albuquerque, em nome do rei, promettera a impunidade a todos os criminosos que pegassem em armas contra os invasores — Julgamos todavia provavel outro motivo mais ou egualmente energico, actuando em Calabar para o induzir a desertar. Esse motivo foi sem duvida a des-

---

(1) – Ou melhor, mentiroso em quasi tudo quanto conta. O Visconde de Porto Seguro diz que Calabar desertou por ter commettido grandes crimes e furtos e por temer castigos, pois assim o revelou ao seu confessor Frei Manoel Calado. Isso é grosseira patranha. O frade não podia revelar segredo de confissionario, si é que Calabar tivesse mesmo confessado com elle. E si revelou, que idoneidade moral tem um padre que vive a revelar segredos de confessionario? Não passaria, nesse caso, de um pessimo sacerdote e refinado canalha. E com esse depoimento se condemnará um homem ao villipendio eterno, com o labéo de trahidor?

consideração a que se viu condemnado depois da vinda do conde de Bagnuolo. — Calabar não podia deixar de ter seus brios, e de ser bastante cioso de sua gloria adquirida nos combates, em que se tinha notavelmente assignalado. Devia, portanto, sentir do fundo da alma aquelle desprezo que os europeus mostravam aos brasileiros em geral, desprezo que a respeito delle devia certamente avultar muito mais por ser ma meluco".

Si fôra esse o motivo, como quer o illustre jesuita e historiador, estaria justificada a deserção: pois si Calabar se notabilizara pelo heroismo, si fôra duas vezes ferido em combates, si era destemido e valente, si adquirira gloria no campo de batalha e si em paga disso o representante do rei o condemnava ao desprezo vil e feria todos os brasileiros nos seus brios, humilhando-os e desprezando-os, ahi está uma derimente para a sua deserção.

Qual seria o epiteto a ser dar um ho-

mem que se tornasse num exercito um verdadeiro heróe e que, em recompensa do seu heroismo, sómente recebesse humilhações e o desprezo, e ainda continuasse sob o commando dos mesmos que o humilhavam e desprezavam ?

Por certo, desbriado. Logo, admittida essa hypothese do erudito jesuita e historiador, ella absolve Calabar, que mudou de bandeira por ver os brasileiros espezinhados nos seus brios e na sua dignidade.

O bispo-visitador da Provincia de Pernambuco, D. Domingos de Loreto, no seu livro, que já tem dois seculos, intitulado "Desagravos do Brasil", affirma que "*Calabar tinha resplendores de valentia e grandeza de espirito* ; que recusou grandes honras do rei e do general Mathias e até considerou taes offerecimentos de mercês "como offensivas ao seu caracter"; e que, aprisionado e immediatamente condemnado á morte, *subiu os degráos do patibulo como um heróe, sereno e sorridente.*

Um sacerdote de tão elevada jerarchia poderia referir-se dessa fórma a um réles ladrão ? Não é possivel que assim fizesse.

Vejamos a terceira hypothese, aventada pelo chronista Viriato Corrêa: *Calabar desertou comprado pelo ouro dos hollandêses.*

Tambem carece de provas essa asserção infamante. E provas ha em contrario, como se vae vêr:

O capitão hollandês Aldienbert, no seu Relatorio de 14 de Novembro de 1631, diz que Calabar se recusou a receber o dinheiro e as honras com que quiz premial-o a Companhia das Indias Occidentaes e que sómente uma explicação dos beneficios para Pernambuco, promettidos pelos hollandêses, é que o fizeram mudar de bandeira. E o general hollandês Werdenburgh, no seu Relatorio de 26 de abril de 1632, declara aos directores da Companhia das Indias Occidentaes que Calabar viera para os hollandêses e que recusára a grande recom-

pensa que essa Directoria lhe mandara dar, declarando ter sido por patriotismo que abandonára os luso-hespanhóes, acceitando apenas o posto de Major. Assim, onde está o motivo allegado por Viriato Corrêa? Si se prova o contrario com documentos da epoca, é claro que essa simples supposição do jornalista Viriato carece de fundamento.

Não foi, portanto, nem por ser ladrão, como quer o visconde de Porto Seguro, nem para ganhar dinheiro dos hollandêses, como diz Viriato Correia, que Calabar passou de um exercito para outro. A Hollanda, conforme se vê na Proclamação de 13 de Janeiro de 1632, offerecia a Pernambuco um regimen de liberdades; a Hespanha, conforme os actos regios de 5 de Janeiro de 1605, 30 de Julho de 1614, e 24 de Agosto de 1625, reduziu o Brasil a um ferreo captiveiro, prohibindo aos brasileiros o direito de viajarem livremente; de manipularem tecidos; de commerciarem com estrangeiros; de abrirem escolas; de terem

livros em casa, a não serem os de missa; de exercerem profissões de artes applicadas; e de terem outra religião que não fosse a catholica. Era a tyrannia. Um escriptor luso-hespanhol do seculo XVII, Faria e Souza, diz que em Pernambuco (isso antes da chegada dos hollandêses), não havia justiça, e sómente existia a prepotencia e o despotismo de terriveis governadores. Si os hollandêses offereciam liberdade e os hespanhóes escravidão, por certo que assistia a um brasileiro o direito de escolha. Calabar bateu-se pela Hespanha, e sabendo das promessas da Hollanda, abandonou a primitiva causa. Diz o visconde de Porto Seguro que a deserção de Calabar seria identica a de um official brasileiro deixando o nosso exercito na guerra do Paraguay para se bandear para os paraguayos. Não é a mesma cousa. Num caso é o Brasil livre combatendo contra um paiz inimigo. No outro é o Brasil escravo da Hespanha, sob a bandeira de um paiz que nos tyrannizava. Si a Hespanha vencesse, a terra con-

tinuaria como colonia escravizada; si a Hollanda triumphasse, ella nos offereceria a liberdade, e mesmo que não nos desse essa liberdade, asseguraria melhores tempos com o seu regimen liberal. A Hespanha sugava com os seus impostos draconianos todo o dinheiro do Brasil, dinheiro que era levado para lá; a Hollanda, é o proprio visconde de Porto Seguro quem nos conta no seu livro "Os hollandeses", mandava dinheiro ao Brasil para que, por meio de emprestimos a longo prazo, os colonos brasileiros desenvolvessem a agricultura, creando novos engenhos de assucar.

Afinal, está provado, e bem provado, que Calabar era intelligente, destemido e tinha cultura. Não era um ladrão, nem se vendera aos hollandêses. E si trahiu, não trahiu o Brasil, e sim a Hespanha, que tyranizava e opprimia o Brasil.

Espiritos luminosos de nossa intellectualidade já lavraram o seu parecer sobre o patriotismo de Calabar. Entre esses citamos um grande ministro do Supremo

Tribunal — Americo Brasiliense; um embaixador e parlamentar, — Joaquim Nabuco; e um dos maiores professores de direito do Brasil, — José Bonifacio, o moço, que foi ministro do Imperio e senador, e cuja gloria está expressa no bronze de sua estatua em frente da Academia de Direito de S. Paulo, e no famoso panegirico que Ruy Barbosa lhe fez. Essas tres glorias nacionaes — Americo Brasiliense, Joaquim Nabuco e José Bonifacio — absolveram Calabar do labéo de trahidor, considerando a sua deserção, "*uma deserção patriotica*". E' o que se verá das citações no fim deste livro. Submettamos, pois, o réu Domingos Fernandes Calabar a um jury historico.

Que os brasileiros de san consciencia leiam a accusação formulada pelo historiador Visconde de Porto Seguro e pelo romancista Viriato Correa. Accusações tremendas e iracundas, das quaes extravasa o fel de leituras de apaixonados escriptores portuguezes do tempo da guerra.

Depois, esses mesmos brasileiros de

bôa vontade passem os olhos nas paginas de defesa do mameluco de Porto Calvo.

No fim, meditem e conscientemente julguem. Trahidor ou patriota ? Vamos ver.

A ACCUSAÇÃO

Ha, no fundo de nossa Historia, uma figura sombreada que pede Justiça. E' Domingos Fernandes Calabar. Traidor, ladrão, ignorante, covarde, desclassificado social, mulato desprezivel, taes os qualificativos que lhe dá a incontida sabedoria official. Entre os maiores accusadores do mulato de Porto Calvo, dois se destacam: Francisco Adolfo de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), e Viriato Corrêa. Aquelle, brilhante historiador; este, notavel chronista. As accusações destes dois illustres escriptores constituem o maior libello architectado contra Calabar. Elles se basearam no relato de dois frades, inimigos politicos e religiosos do notavel guerrilheiro.

Esses frades, Frei Manoel Callado e Frei Raphael de Jesus, escreveram os seus livros sob contracto e pagamento de João Fernandes Vieira, que foi primeiramente amigo e protegido dos hollandêses, e depois truculento cabo de guerra dos hespanhóes. Porém, Calabar tem defesa. E não ha consciencia integra que seja capaz de condemnar um accusado sem ouvir a sua defesa. Tiremos, pois, do recesso da historia patria essa figura aviltada, e apresentemol-a ao julgamento da consciencia nacional dum jury historico que aprecie devidamente a accusação e a defesa.

Diz o Visconde de Porto Seguro :

— "Lamentavel occorrencia veiu mudar a face dos acontecimentos, atiçar a guerra e prolongar a duração do dominio estranho. Referimo-nos á deserção, das fileiras dos nossos para as do inimigo, de Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto Calvo. Consta, pelo testemunho de dois escriptores que conheceram pessoalmente o mesmo Calabar, e que deram seus depoi-

mentos ante a posteridade, alguns annos (1) depois da morte do mesmo Calabar, que a origem da deserção procedeu de temor do castigo, em virtude de grandes crimes commettidos.

— Esses crimes, segundo uma das testemunhas, que foi nada menos que o sacerdote que ouviu o reu de confissão na hora da morte, frei Manoel Callado, foram *grandes furtos*, em virtude dos quaes o desertor receavea ser perseguido pelo provedor André d'Almeida. — Contra depoimentos tão explicitos não nos é permittido, sem offender os principios do criterio historico, oppôr conjecturas, para, com mal entendida generosidade, pretender desculpar essa deserção, origem de tantas lagrimas para a patria. E' inquestionavel que, como militar, ajuramentado ás bandeiras, o Calabrar foi perjuro, desertando dellas, e que, como subdito, abrindo o exemplo á deserção, e prestando serviços na guerra contra a sua patria e os seus concidadãos, foi ao mesmo tempo traidor. Ao effectuar a deserção, no dia 20 de Abril de 1632, fel-o de um modo tão pouco justificavel aos proprios olhos do chefe contrario que, quando já lhe estava prestando valiosos serviços,

---

(1) – O seu confessor na hora da morte, fr. Manuel Calado, doze annos depois; o donatario da Capitania, d'ahi a seis annos mais.

o mesmo chefe desconfiava da fidelidade do novo transfuga e de officio (1) o tratava de negro (*im Neger*) e com certo desprezo (*dom Volek*). E, poucos annos depois, o eloquente historiador hollandês (2) não duvidava declarar que no patibulo havia o mesmo Calabar expiado a sua infidelidade e deserção. — A rehabilitação de Calabar não seria mais justificavel do que a de qualquer official inferior que, por commeter alguma falta, ou por méra ambição, desertasse para o inimigo paraguayo na ultima guerra".

Diz o jornalista Viriato Corrêa : —

— "Em dias do mez passado, nesta columna (a do "Correio da Manhã) ao contar do ataque dos hollandêses ao forte de Cabedello, alludi ligeiramente a traição miseravel de Calabar aos seus companheiros da defesa da terra brasileira.

A expressão "miseravel" chocou alguns leitores.

Tres cartas vieram-me ás mãos. A mais interessante das tres é a do cavalheiro que se assigna Lima Bello e que, além de mostrar-se inte-

---

(1) - Officio de Werdenburgh de 9 de Maio de 1632.

(2) - Barlaeus, Rerum, etc., ed. de 1647, pag. 37. (Varnhagen, Hollandêses no Brasil, Lisbôa, 1872, paginas 83 e 84).

ligente e gentil, revela-se de alguma maneira sabedor daquelle periodo vibrante da historia nacional.

Discute a figura de Calabar e conclue por guindal-o ás honras de um vulto de patriota. Foi por patriotismo que Calabar se passou para os hollandêses? A colonização flamenga trazia um grande surto de avanço para o Brasil; o Brasil só tinha a ganhar com a Hollanda e patriotas eram aquelles que, naquella immensa luta do seculo XVII, se collocassem ao lado dos batavos contra os portuguêses, rotineiros e ambiciosos.

Essa noção da personalidade de Calabar não é nova. Muita tinta e muito papel se tem gasto para provar que o gesto do mulato alagoano em collocar-se ao serviço dos hollandêzes, foi um rasgo de intelligente patriotismo.

Está tudo errado.

Em primeiro logar, porque será muito difficil provar que a colonização flamenga era mais proveitosa ao Brasil que a portuguêsa. Pernambuco só teve, durante a occupação hollandêsa, um periodo de fulgor — o do governo de Nassau. Não deveu aquelle fulgôr a um povo, mas a um homem.

Em segundo logar, porque a guerra contra os

flamengos não era uma questão portuguêsa, era uma questão brasileira.

Portugal, naquella phase impressionante da nossa historia, bem pouco podia fazer. Sob o jugo da Hespanha, minado pelo sentimento de independencia, cuidava de si. A resistencia contra os usurpadores do nosso territorio teve que ser feita pelos filhos da terra.

Não se diga que, pelo facto do Brasil ter menos de seculo e meio de descoberto, não estivessem o caracter nacional e o sentimento de nacionalismo perfeitamente firmados. O Brasil foi um dos paizes onde aquelle caracter se firmou mais rapidamente. Já em 1566, quando foi da expulsão dos francêses das aguas da Guanabara, o maior numero de heróes contou-se entre os mamelucos.

Na guerra contra a Hollanda já o sentimento de nacionalismo está perfeitamente delineado. Na resistencia e na expulsão apparecem as figuras maximas do patriotismo brasileiro : os Henrique Dias, os Camarão, os Vidal de Negreiros, os Mathias e Antonio de Albuquerque Maranhão, etc., todos filhos da terra, todos na suprema defesa do sólo nativo.

Calabar não preferiu a Hollanda por Portugal. Mas trahiu os seus companheiros de armas, os seus irmãos de ideaes, brasileiros como elle, todos unidos contra a usurpação.

Os factos são claros.

Quando, em fevereiro de 1630, a esquadra hollandêsa surgiu deante de Olinda, a cidade inteira tremeu apavorada. Não foram só os portuguêses que se viram na imminencia de perder o dominio de tão vastas terras e de tão rica capitania. Foram os brasileiros que se sentiram ameaçados na sua propria casa, e ameaçados por intrusos que já se tinham mostrado simples piratas no ataque á Bahia.

Passado o primeiro momento de panico, entregue Olinda ás forças de Weerdemburg, todos se unem. A indignação inflamma os peitos. A surpresa do ataque, a desegualdade da luta, o saque furioso da soldadesca flamenga, congregaram a população expulsa.

O espirito era, no momento, profundamente catholico. E os hollandêses eram hereges. As scenas que se produzem na cidade saqueada são as mais chocantes para o sentimento religioso do povo. Os flamengos transformam as egrejas em quarteis, quebram os santos, profanam as reliquias sagradas. Em plena embriaguez, soldados andavam pelas ruas, vestidos de batinas, de sobrepelizes que roubaram das sacristias dos

templos. (1) As casas ricas, as grandes lojas, as adégas, tudo foi varejado. Conta-se que a soldadesca se vestia com roupas das damas, outros empunhavam a vara das autoridades da justiça e sahiam pelas ruas em grossas pandegas, macaqueando gestos e attitudes.

Tudo isso devia ter abalado profundamente o coração dos habitantes. A revolta era natural.

Não era o sentimento português que estava offendido: eram os brios dos filhos da terra. Aquillo os feria mais de perto.

Mathias de Albuquerque, o governador português, incita os animos e organiza a defesa. Não se póde dizer que, por ter sido Mathias o grande chefe no momento, a questão era portuguêsa. O que se precisava era de um chefe. Mathias era o governador; nada mais natural que a chefia lhe continuasse nas mãos.

O grito de resistencia é levado para o interior da capitania. Não ha um peito que não vibre, não ha um brio que se não accenda.

Em derredor de Mathias de Albuquerque congregam-se todos os braços brasileiros.

---

(1) — Os soldados portugueses fizeram o mesmo na Bahia, saqueando a Egreja e Convento da Lapa, na occasião Independencia do Brasil.

Organiza-se o Arraial de Bom Jesus, aquelle estupendo baluarte de heroismo épico que, durante cinco annos, sitiado, sem roupa, sem viveres e quasi sem armas, resiste aos embates do formidavel poder de Hollanda.

No Arraial de Bom Jesus juntaram-se todos aquelles que sentiam pela terra brasileira um traço de amor : Camarão com os seus indios, Henriques Dias com os seus negros, padre Manoel Moraes, paulista, com os seus fieis, Mathias e Antonio de Albuquerque Maranhão, com os seus parahybanos, familias das fazendas dos engenhos em redor, quasi toda a população expulsa de Olinda, homens, mulheres, creanças, tudo a trabalhar pelo ideal commum — o da defesa do sólo e o da expulsão dos intrusos.

E entre essas creaturas que se reuniam no arraial, lá estava Calabar.

Os seus primeiros dias de combatente foram brilhantes. Teve por duas vezes duas feridas em combate. Era valente, sagaz, emprehendedor e habil. Bem pouca gente conhecia como elle os sertões e a costa. O seu valôr de soldado, a sua pratica de caminhos, deram-lhe um certo destaque entre os companheiros de luta

De um momento para o outro, quando menos se espera, eil-o que desapparece do Arraial de

Bom Jesus, e surge lá no Recife ao lado dos holandêses.

As causas de defecção variam em muitos escriptores. Uns affirmam que o mulato alagoano se passou para os flamengos para fugir ás penas dos grandes furtos que fez no arraial. Não está apurado isso.

Ha quem diga que o traidor se deixou seduzir pelo ouro e pelas honras que os hollandêses offereciam.

Este é que deve ter sido o motivo predominante.

O do patriotismo, como muitos querem, é que não póde ser. Não foi por julgar a Hollanda mais adeantada que Portugal que elle se passou para o lado dos flamengos.

E a razão é simples.

Até ao momento da defecção de Calabar, a Hollanda não tinha dado ao Brasil nenhum influxo progressista. Até 1632 a situação dos occupadores de Pernambuco era a mais triste e a mais desesperada. Viviam na faixa de terra do Recife, tendo de um lado o mar que varejavam em desefreiada pirataria e do outro as emboscadas e as surpresas do Arraial de Bom Jesus. Não passaram dahi. Para o interior não avançaram um

passo sequer. As tropas do arraial perseguiam-n'os noite e dia, não lhes consentindo ao menos a agua para beber. Sitiantes, viveram como sitiados. Durante dois annos não puderam comer uma fruta dos pomares vizinhos, não puderam encher um pucaro na corrente dos rios. Alimentavam-se de fiambre defumado da Hollanda, que lhes traziam os navios, e bebiam a agua salôbra das cacimbas á beira mar. Até a lenha, queimavam a que lhes vinha da Hollanda.

Tinham tentado a conquista da Parahyba e do Rio Grande do Norte, com insucesso total. No Rio Formoso e no cabo de Santo Agostinho os defensores não lhes consentiram um palmo de terra.

Até 1632 eram simples presidiarios numa estreita fita da terra, perseguidos, atenazados pelos pernambucanos que os iam combater até nas proprias ruas de Olinda e do Recife.

Nem um prego tinham conseguido pôr no Brasil (1)

Não se podia prever que fossem bons colonizadores. (2)

---

(1) – Affirmação irrisoria...

(2) – Foram todavia os hollandêzes que colonizaram a mais importante cidade dos Estados Unidos: Nova York, primitivamente Nova Amsterdam.

Esse sentimento de patrotismo que muitos dizem ter levado Calabar aos hollandêses é um erro flagrante deante da historia. Se a passagem do traidor se tivesse dado já no começo do governo de Nassau, quando Pernambuco iniciou o seu periodo de esplendor, havia para ella um milhão de defesas.

Naquelle momento ella não foi mais do que uma traição, e traição infamissima.

Só o movel do ouro o arrastou.

De um homem daquella ordem estavam os hollandêses á procura. Era evidente a desegualdade entre as forças batavas e as pernambucanas. Todos os dias a Hollanda despejava no Recife navios cheios de tropas e armas. No Arraial de Bom Jesus escasseiavam os braços, escasseiavam as armas, escasseiava tudo. Só a Hollanda não tinha vencido porque não conhecia aquelle genero de guerra, feito por meio de emboscadas e surpresas, no fundo dos grotões e na ramada das arvores. Só não tinha vencido por não conhecer a topographia do interior, os caminhos que levassem com exito aos inimigos. Daria tudo ao homem que lhe apparecesse com aquellas conhecimentos.

Calabar era sagaz. Comprehendeu isso tudo, e aproveitou-se do momento.

Os seus planos não falharam. Os hollandêses receberam-n'o como se recebe um salvador. Deram-lhe dinheiro e distincções como a mais ninguem. (1) Elevaram-n'o até ao posto de major, e, para cumulo do escandalo, sentavam-n'o nas reuniõe do Conselho, como a maior autoridade de assumptos guerreiros.

E dahi partiram todos os successos dos flamengos.

Com Calabar tiveram elles as suas primeiras victorias. O traidor conhecia os mais escusos e os mais remotos caminhos, sabia da situação dos exercitos da resistencia e guiou os ursurpadores a todos os triumphos.

Os endeosadores do traidor negam o movel do dinheiro e das honras, affirmando que honras e dinheiro Mathias de Albuquerque offereceu a Calabar e que elle os recusou.

E' verdade que isso se deu. Ao verificar-se o primeiro successo das armas contrarias, Mathias de Albuquerque comprehendeu que ali estava o dedo de Calabar. Mandou-lhe offerecer dinheiro e mercês valiosas, se voltasse ao arraial. Mas Calabar era esperto e previdente. Mathias cumpri-

---

(1) – Está provado com documentos valiosos que Calabar recusou dinheiro tanto dos hollandêzes como dos hespanhoes.

ria a palavra, as mercês ser-lhe-iam dadas, mas o que ninguem podia conter era o ambiente de odio que contra elle existia em Bom Jesus e onde houvesse um inimigo dos hollandêses. Já se tinha dado o ataque de Iguarussú e do Rio Formoso. Os flamengos sairam vencedores e as atrocidades commetidas indignaram Pernambuco e as capitanias em redor. E não havia quem não soubesse que a causa da victoria fôra o traidor algoano (1) Em cada familia daquelles teria elle uma indignação accesa. E não attendeu ao chamado do commandante do arraial.

Era natural que assim fizesse. E, para isso, não se fazia necessaria uma intelligencia excepcional, nem patriotismo algum. Bastava o instincto de conservação.

Calabar, é, chronologicamente, o primeiro traidor que apparece na historia patria. E traidor dos mais infames. Não se satisfez em passar-se do lado dos seus irmãos para o lados dos inimigos. Foi o guia, o conselheiro, a causa unica das victorias destes contra aqueles." (1)

---

(1) – Não é verdade. Morto Calabar, os hollandêzes ainda tiveram varias victorias.

A DEFESA

As accusações contra Calabar, ora formuladas em livros, por historiadores apaixonados, ora nas columnas de jornaes e revistas, por investigadores mal orientados, apresentam, sem discrepancia, um mesmissimo aspecto: a pobresa de argumentação e a ausencia de documentos valiosos.

Na actualidade, não se faz mais a historia de um paiz com ramilhetes de flôres de rhetorica ou affirmações singulares. O espirito moderno exige soberanamente a prova inconcussa e insophismavel do facto para depois sobre elle lavrar o "veredictum" que consagra ou derroca heróes e reputações collectivas.

Taine, nas "Origines de La France

Contemporaine", vulgarizou a nova theoria da critica historica. Do estudo dos archivos publicos e particulares, do manuseio cuidadoso dos relatos dos mestres, da analyse arguta e esmiuçada dos acontecimentos, considerando-se num blóco unico o meio e o homem, resulta a sentença.

Na Allemanha, Onken e Momnsen, e na Inglterra, Roseberry e Schertteton, não fizeram outra cousa sinão o que fez Taine: collocar acima de tudo a verdade, revelada pela documentação dos acontecimentos. Eis ahi porque o admiravel estudo de Schertteton, "The crimes of England", provocou, na propria Inglaterra, os calorosos applausos dos competentes. E um membro conspicuo do governo inglês não se pejou de commentar num jornal londrino: "Ha verdades que dóem, mas é preferivel o doloroso da verdade ás blandicias de orgulho patrio. E apontar sinceramente os erros de um paiz, as falhas d'um director de homens, as injustiças dos julgamentos sociaes, é obra que só compete

aos fórtes de espirito, a esses que desafiam a rotina. E taes pesquisadores bem merecem o applauso dos estudiosos".

Justamente, é contra a rotina historica, é contra a mentira duma affirmação maculante, que já vive ha tres seculos que protestamos nesta defesa. Para destruir uma mentira tri-secular é preciso que o defensor da verdade alumie a consciencia nacional com a argumentação séria e clara das mais robustas provas, ante a qual se esfiapam a rhetorica e o sophisma dos escrevedores apaixonados, dos escravos da tradição.

* * *

Camões antevira o soffrimento de sua patria sob o guante dos Felippes. O vice-rei de Portugal, Christovam de Moura, miseravel instrumento da politica filippina em Lisbôa, cobria de impostos e de tyrannia o velho reino de Affonso Henriques.

O Brasil, colonizado pelos portuguêses, soffria tambem o opprobrio da mais terrivel oppressão. Quer Felippe II, solerte e balofo, quer Felippe III, paranoico tutellado do duque de Lerna, não pensavam sinão em opprimir e vexar os brasileiros, esmagando-os com o peso duma tyrannia sem limites. Grande potencia, em guerra com francêses, flamengos e inglêses, a Hespanha não protegia o Brasil, deixando-o á sua propria sorte. Em vez de lhe mandar soldados para a defesa e colonos para o trabalho da terra, a Hespanha e Portugal geralmente lhe mandavam frades e degradados, assassinos e ladrões. Num livro de 1612, intitulado "Razão do Estado do Brasil", o autor, com palavras sensatas, observa esse facto, dizendo que "*as colonias do Brasil encerram em si demasiados clerigos e frades, e mais gente inutil á sua defesa*". Pouco antes, já em 1587, o historiador Gabriel Soares dizia: "*vivem todos os moradores do Brasil tão atemorizados nas cidades que estão sempre com o fato entrouxado para se*

recolherem para o mato...". Era isso pela falta de justiça e pelas perseguições dos reinóes.

Southey registra o deploravel captiveiro do Brasil filippino. E Faria e Souza, historiador luso-hespanhol, de evidente insuspeição, diz, antes da investida dos hollandêses no Brasil, que *os habitantes de Pernambuco lamentavam a ausencia de justiça, clamavam abertamente contra a prepotencia e despotismos dos governadores.*

As provisões régias de 9 de Fevereiro de 1591, de 30 de Outubro de 1592, de 11 de Março de 1593, de 6 de Março de 1599, de 27 de Setembro de 1605, de 14 de Novembro de 1610, de 15 de Dezembro de 1620, de 26 de Janeiro de 1628; as Resoluções de 20 de Fevereiro de 1601, de 18 de Março de 1604, de 16 e 28 de Julho e 28 de Novembro de 1606 e os actos régios de 5 de Janeiro de 1605, 30 de Julho de 1614 e 24 de Agosto de 1625, reduziram o Brasil á mais negra escravidão: impostos terriveis, absoluta intransigencia religiosa,

isolamento do mundo, prohibição de escolas, de industrias e das artes. O brasileiro não podia prosperar, não podia pensar. De todos os lados o guante oppressor.

Uma simples denuncia de que alguem era judeu ou protestante ? O denunciado ia para a fogueira ou para a forca. De que alguem abriu uma escola sem ordem do Rei ? Condemnação ás galés. De que alguem tinha fusos e rócas para tecer ? Degredo em Africa e confiscação dos bens. De que alguem recebia livros impressos na França ? Prisão cellular. As confissões relativas ás denuncias eram obtidas por meio de torturas ordenadas pelas auctoridades do rei.

Na falla do povo do Rio de Janeiro ao Principe Regente D. Pedro, lida solemnemente por Joaquim Gonçalves Lédo em 20 de Maio de 1822 deante do herdeiro da dymnastia portuguêsa, o coração brasileiro se expande na explicação do que era o regime colonial no Brasil.

E o futuro Imperador do Brasil ouviu

estas verdades do representante do povo brasileiro:

— "O Brasil podia dizer a Portugal: Desde que o sól abriu o seu tumulo e delle me fez saltar para me apresentar ao ditoso Cabral, a minha fertilidade, a minha riqueza, a minha prosperidade, tudo te sacrifiquei, tudo te dei, ó Portugal! e tu que me deste? Escravidão e só escravidão. Eu cavava o seio das minhas montanhas, penetrava o centro do meu sólo, para te mandar o ouro com que pagavas ás nações estrangeiras a tua conservação e as obras com que decoravas a tua majestosa capital; e tu, quando a sofrega ambição devorou os thesouros, que sob mão se achavam nos meus terrenos, quizeste impôr-me o mais odioso dos tributos, a "capitação". Eu mudava o curso dos meus caudalosos rios para arrancar de seus leitos os diamantes que brilhariam na corôa do monarcha; despia as minhas florestas para enriquecer a tua marinha e sustentar a tua grandeza, que todavia deixavas cahir das tuas enfraqueci-

das mãos... E tu que me déste? Oppressão e vilipendio! Mandavas queimar os filatorios e teares, onde minha nascente industria beneficiava o algodão para vestir os meus filhos; negavas-me a luz das sciencias para que eu não pudesse conhecer os meus direitos nem figurar entre os povos cultos; acanhavas a minha industria para me conservares na mais triste dependencia da tua; desejavas até diminuir as fontes da minha natural grandeza, e não querias que eu conhecesse do Universo mais que o pequeno terreno que tu occupas. Eu acolhia no meu seio os teus filhos, a quem doirava a existencia, e tu me mandavas em paga tyrannos indomaveis, que me laceravam.

Agora é tempo de empossar-me de minha liberdade; basta de offerecer-me em sacrificio ás tuas interessadas vistas. Assás te conheci, demasiado te servi... — Os povos não são propriedade de ninguem..."

O dominio colonial no Brasil, como dizia essa representação do povo do Rio

de Janeiro ao Principe Regente em 1822, *era sómente oppressão e vilipendio.*

Foi portanto em época de oppressão e vilipendio para o Brasil, que surgiu o hollandês nas costas brasileiras. E na Europa era o seculo de Luiz XIV, um seculo de luz e de surtos gloriosos. No Brasil, o seculo das trevas e do despotismo barbaro.

Agentes da Companhia das Indias Occidentaes pretenderam organizar no Brasil uma grande cidade commercial, como fizeram no norte da America, fundando e desenvolvendo a cidade de Nova Amsterdam, mais tarde Nova York.

No Memorial de 5 de Junho de 1640, enviado aos membros directores da Companhia das Indias, pelo governador hollandês de Pernambuco, encontra-se o plano da politica hollandêsa, em Pernambuco. Diz esse memorial: "E' preciso que os hollandêses respeitem a liberdade dos pernambucanos, forneçam-lhes recursos necessarios para as fundações de engenhos em todos os lados do paiz. Qualquer dominio que se

não baseie no respeito á liberdade humana e no progresso da collectividade, fatalmente não póde durar. E' a lei da vida social que nos ensina a historia. Em relação aos frades, nós aconselhariamos que se permitisse a sua propaganda franca, dentro de suas egrejas. As missões de que VV. SS. tanto empenho fazem não poderão produzir os resultados esperados e só servirão para irritar os animos dos naturaes deste paiz, que obedecem ao chefe de Roma. Sabemos que os frades conspiram contra nós e que o movimento dos naturaes contra nossa obra é inspirado, exclusivamente, na propaganda anti-calvinista, feita nos confissionarios e nos lares. Não se preoccupem VV. SS. com isso. Responderemos com actos e melhorías a essa tenaz propaganda. E' preciso dinheiro para os melhoramentos, para os emprestimos a particulares, com o fim de desenvolver a agricultura. Com a liberdade de acção e de consciencia e com o trabalho intensificado, Pernambuco constituirá uma glória para os Paizes Baixos.

E é preciso que se convençam desta verdade: em quanto a Hespanha opprime este povo, nós devemos acenar-lhe com a liberdade e com a prosperidade. E assim fazendo, teremos ganho a confiança dos pernambucanos que nos combatem insuflados pelos agentes de Roma". (Doc. da Companhia das Indias Occidentaes, II, 142, m. 15, tradução do flamengo pelo Dr. Wallitz).

No Memorial de 6 de Maio de 1644, que póde ser considerado como o testamento politico, em relação ao Brasil, do conde Mauricio de Nassáu, pois, pouco depois elle partia de Pernambuco, lê-se o seguinte, que confirma plenamente as intenções hollandêsas:

— "Este é o ultimo acto do meu governo e esta memoria que deixo a VV. SS. como despedida, encerra providencias que, si forem observadas, como fiz durante o meu governo, trarão com o favor de Deus, mais felizes resultados".

Em seguida aborda assumptos mili-

tares e civis, com a clarividencia de um grande estadista e de um grande espirito, e aconselha, sobre a liberdade de consciencia:

— "Em relação ás coisas religiosas é necessaria toda tolerancia ou condescendencia, pois della carece o Brasil mais do que qualquer outro povo a que se tenha dado a liberdade de consciencia".

Da administração hollandêsa, fecunda e progressista, nos dá amostra o livro, escripto em latim, "*Rerum per octenium in Brasile*", de Gaspar von Baerle, mais conhecido pelo nome Barleaeus. Foi publicado em 1647 em Amsterdam, e é companhado de interessantes e numerosas estampas que representam, em imagens, o progresso pernambucano nas regiões dominadas pelos hollandêses. Entre as vistas, sobresaem as das cidades de Recife e Olinda, com palacios e jardins, hoje inexistentes, e que foram copiados do natural pelo pintor hollandês Francisco Prant.

Emquanto os homens da Hollanda, li-

beraes, respeitavam as crenças e as liber dades populares, os homens de Hespanha e Portugal, despoticos, enforcavam todos os que não pensassem como elles e não lhes obedecessem cégamente.

Assim, de um lado se achava o progresso, a liberdade de consciencia e de acção, muitas promessas liberaes: era o dominio hollandês; de outro, o mais negro captiveiro, o servilismo, a intransigencia feroz — era o dominio hespanhol.

Qual promettia mais ? A fanatica e tyrannica Hespanha monarchista, ou a liberal e progressista Hollanda republicana desse tempo ?

Que partido deveria seguir o brasileiro patriota ?

Certamente o da Hollanda. E foi o que fez Calabar. Mas antes de o fazer elle se bateu como um heróe nas hostes do rei Felippe, lutando contra os hollandêses e sendo varias vezes ferido em combate. De 1630 a 1632 distinguiu-se entre os mais bravos guerrilheiros da Hespanha. O pro-

prio Varnhagen, seu maior detractor, na obra "Os hollandêses no Brasil", pag. 85, ed. de 1872, confessa:

— "Havia sido Calabar um dos primeiros pernambucanos que se alistára contra os hollandêses e fôra até "*honrosamente*" ferido..."

Entretanto, elle que fôra um dos mais bravos, que abandonara seus haveres para pegar em armas, que tudo sacrificára, vem a saber dos propositos que inspiravam os hollandêses.

Em carta de Aldienbert lê-se o motivo da deserção de Calabar.

— "... Calabar é um dos mais aguerridos cabos que nos hostilizam. Foi ferido algumas vezes e tem fama de grande patriota. Mandei Joer, que falla o idioma do paiz, para se entender com elle, e como Joer é catholico e amigo dos portuguêses e brasileiros e convencionalmente não nos quer bem, saiu-se feliz na empresa. Apesar de ter soffrido injustiças dos seus patricios, por ser mulato, recusou-se a acceitar

o nosso offerecimento de dinheiro e honras. Sómente uma explicação das vantagens e dos beneficios de nossa causa é que o demoveram a se bandear para o nosso lado. Temos muita necessidade desse capitão, pois é um bravo guerrilheiro, conhece muito bem o paiz, é intelligente e tem fama. Foi a alma dos ataques contra nós. Foi elle quem defendeu Arrayal do Bom Jesus em nossos ataques de 14 de março. Continuarei a procurar convencel-o da injustiça da causa que defende e pela qual se bate com bravura. Darei nova commissão. — Aldienbert". (Carta de 14 de novembro de 1631, tradução do flamengo para o português feita pelo Dr. Wallitz, de Haya, em 1876).

Uma carta de Weerdenburgh ao Conselho Supremo da Companhia das Indias, diz:

— "Conseguimos, com muito custo, e por intermedio de um nosso agente de propaganda entre os nacionaes, a adhesão do bravo e intelligente cabo de guerrilha Do-

mingos Fernandes Calabar. Conhece a fundo o terreno e só se collocou de nosso lado pela convicção, pois recusou a recompensa que vv. ss. lhe haviam mandado. Diz que esá certo de que comnosco sua patria irá melhor do que com os hespanhóes e portuguêses. E' um mulato muito curioso, de grande vivacidade e de conhecimentos muito raros nestas regiões. Envio-lhe uma carta que nos mandou, communicando a sua adhesão. Nós estavamos desanimados por não conhecermos estes logares, de natureza aspera, mas iremos atacar agora Igarassú com 500 ou 600 homens dirigidos pelo nosso novo amigo" (Relatorio de 26 de Abril de 1632, traducção do flamengo para o português pelo Dr. Wallitz).

A carta de Calabar, appensa aos documentos acima, é longa. O ultimo periodo é este:

— "Passei para esta causa sem querer recompensa, e vim para melhorar minha terra que não tem liberdade de especie alguma".

Com o mesmo denodo e bravura com que se bateu contra os hollandêses, Calabar batalhou contra os seus antigos companheiros.

Diz Varnhegen, detractor de Calabar:

— "Vamos agora a ver como á sua infeliz deserção deveram os hollandêses os immediatos passos que deram, com exito decidido, no empenho de assenhorear-se do paiz. A primeira empresa, concebida e dirigida pelo Calabar, foi um ataque de surpresa contra a villa de Igarassú... — Acceitou Weerdenburgh o plano e tudo se preparou, segundo dispoz Calabar... Prepararam-se 500 homens levando uns trinta e tantos pretos para conduzir os feridos; partiram todos no dia 30 de Abril, acompanhando a atrevida expedição o proprio Weerdenburgh". (Os hollandêses no Brasil, pag. 85).

No Relatorio de 9 de Maio de 1632, escreve Weerdenburgh: "... nesses perigos, nossa vida ficou, pois, dependente dum mulato e de sua fidelidade, e apesar de não

se ter confiança em gente dessa raça, elle se portou com honra, levando-nos á victoria, demonstrando ter optimas qualidades de guerra".

Nas "Memorias Diarias" sobre a guerra hollandêsa, escriptas por Duarte Coelho de Albuquerque, marquez de Basto, conde e senhor de Pernambuco, representante da metropole, vem este topico:

1832 — Abril, 20: — Em 20 de Abril se introduziu com o inimigo um mulato chamado Domingos Fernandes Calabar, natural da parochia de Porto Calvo, em Pernambuco, onde tinha mãe e alguns parentes. Assistiu e serviu ao principio desta guerra; e quando o inimigo, a 14 de Março de 1630, atacou o Real, que então se começava a fortificar, foi ferido de um mosquetaço. Podendo isto accrescentar-lhe o odio contra aquella gente, antes o desvaneceu e a procurou, que tal era sua damnada intenção, TENDO ELLE MUITO VALOR e astucia, e sendo o mais pratico em toda aquella costa e em terra que o inimigo podia de-

sejar. COMO O NOSSO GENERAL LHE CONHECIA O TALENTO, SENTIU MUITO ESSA FUGA.

Muito estimou elle (o inimigo) a presença do novo companheiro". (Memorias diarias", pag. 45, traducção de Mello Moraes e Ignacio Accioly).

Era um chefe dos inimigos dos hollandêses que assim, no proprio dia da fuga de Calabar, lhe chamava homem de muito valôr, de muita astucia, de talento reconhecido pelo general das tropas brasileiras. E este general sentiu muito a sua partida. Onde está então a accusação que o frade Callado fez e o visconde de Porto Seguro repetiu, de que Calabar mudou de partido por ter medo de castigos ou por ter praticado furtos e roubos ?

Dizem os accusadôres que Calabar era desprezado pelos flamengos, porém nas mesmas "Memorias", dia 19 de Julho de 1635, (pag. 116), vê-se quão estimado era Calabar:

— "Despendeu-se mais de meio dia no ajuste destes artigos (os de rendição dos

hollandêses) sómente *porque o inimigo insistiu em levar comsigo Domingos Fernandes Calabar*. Mas o general assegurou-lhe que arriscaria a sua propria pessôa para não perder das mãos a Calabar, e nem este o desejava, porquanto sabendo elle que era essa a causa de não se ajustarem, disse com grande animo estas palavras ao governador Picard: — "Não deixeis, senhor, de concordar no que se vos exige pelo que me diz respeito..."

E mais adeante:

... "Foi enforcado e esquartejado neste 22 de julho... tambem é crivel que para isto permittiu a Divina Majestade que o nosso general estivesse tão firme em não entregal-o, a despeito de tamanha instancias que fazia o inimigo".

No mesmo dia, escreveu o conde governador que "Calabar morreu calmo e que era de crêr que Deus lhe tivesse perdoado".

Que tempera de homem era esse mu-

lato: nem a perspectiva da forca o fez perder a serenidade.

Quando saiu do acampamento luso-hespanhol, o general "sentiu profundamente" a sua partida; quando chegou ao acampamento hollandês, mereceu logo a confiança do chefe flamengo, que lhe pôz nas mãos 500 vidas batavas, inclusive a sua propria, a de chefe hollandês. E da fidelidade e do talento dum mulato brasileiro dependeram então a vida de centenas de brancos civilizados da Hollanda! Não é edificante?! Seria Calabar um réles ladrão?

Depois, o chefe Picard levou meio-dia discutindo a rendição da praça, sómente porque não queria entregar Calabar. E offereciam-lhe honrosas condições, quaes as da retirada franca com as armas nas mãos.

E só depois da insistencia do mulato de Porto Calvo, que collocou acima de sua vida centenas de vidas hollandêsas, é que a rendição se verificou nas condições exigidas.

Haverá ainda quem affirme que os hollandêses desprezavam Calabar ?

O general hollandês Weerdenburgh, pouco depois retomou Porto Calvo e encontrou em postes os quartos do cadaver de Calabar, salgados e resequidos pelo sol Chorou ao vel-os e mandou reunil-os para o enterro que foi feito com grandes honras militares!

D. Domingos de Loreto Couto, visitador geral do bispado de Pernambuco, escreveu, no seculo XVII, uma obra sobre homens e cousas da sua terra. Em tal livro transparece o odio profundo que devotava aos hollandêses e a Calabar. Pelo titulo já se avalia o conteúdo: — "DESAGRAVOS DO BRASIL". Entretanto, apesar de sua ogeriza pelo glorioso mulato de Porto Calvo, o sacerdote visitador, sem o querer, inconscientemente diz cousas que constituem pontos de apoio para a rehabilitação do heroico hollandophilo. No livro II, cap. III, n.º 89, conta:

— "Chamava-se Domingos Fernandes

Calabar, mulato manhoso, atrevido e pratico dos lugares da terra e portos do mar. Com bôa opinião e algumas feridas, havia dous annos servido nesta guerra".

Sabendo-se que antigamente a expressão bôa opinião significava intelligencia e instrucção, como se póde verificar nos classicos, e sabendo-se mais que Calabar fôra ferido varias vezes, combatendo sob a bandeira luso-hespanhola, a conclusão que resalta é a seguinte: Calabar era valente possuia muita intelligencia e cultura (*era pratico em cousas*, diz o chronista) e tinha grande valôr como guerrilheiro, pois era (conceitua D. Domingos), *manhoso e atrevido*.

Dizem os detractores de Calabar que fôra a ambição o fito de sua mudança politica. Mas nesta obra o frade historiador offerece um topico que patenteia a inverdade, a infamia de tal accusação. E' no mesmo livro, II, cap. 13, n.º 92:

— "O mesmo se póde inferir de um successo extraordinario: Quando primeiro

se meteu elle (Calabar) com os holandêses, procurou Mathias d'Albuquerque reduzil-o A DESAMPARAR O PARTIDO INIMIGO, PARA SERVIR A PATRIA COM O SEU VALOR E INDUSTRIA ASSEGURANDO-LHE MAIORES AUGMENTOS ENTRE OS PROPRIOS, QUE OS PODERIA CONSEGUIR DOS CONTRARIOS. Abusando dos FAVORES QUE SEM PEDIR SE LHE OFFERECIAM, soberbo com esta demonstração a que nos obrigavam tantas maldades pelo damno que causava o atrevimento de um só homem, não se contentou de obstentar na resposta, sentir pouco o delicto, MAS DELINQUIU DE NOVO, PELA ARROGANCIA COM QUE JULGOU OFFENSA O PERDÃO COM QUE O ROGAVAM, E PREMIOS QUE LHE OFFERECIAM".

Eis ahi: Mathias de Albuquerque, o general luso-hespanhol, convicto do grande valôr de Calabar (diz o frade Calabarophobo), prometteu-lhe o perdão e maiores vantagens do que as feitas pelos hollandê-

ses, convidando-o insistentemente para retornar ao seio dos primitivos amigos. E Calabar que nada pedira (ainda é relato do frade) recusou com arrogancia a offerta vantajosa e respondeu que tal proposta era uma offensa ao seu caracter, desdenhando assim o perdão e os premios em ouro e em honrarias.

Não conseguindo seu objectivo de captar o apoio do mulato de Porto Calvo por meio de honras e dinheiro, Mathias de Albuquerque, apavorado pela intelligencia, valôr e coragem de Calabar, architectou uma infamia. E como o covarde Servilio Scipião que não podendo vencer Viriato no campo de batalha, mandou assassinal-o traiçoeiramente, o general luso-hespanhol resolveu o assassinato, por traição, do valente e temivel porto-calvense. Ainda é um relato de frei Domingos, no mesmo livro citado, no mesmo capitulo, e no mesmo numero 92, que conta o caso infame:

— "Para tirar de Pernambuco, e do

mundo, este escandalo das gentes (Calabar), e esta causa de grandes damnos, prometteu o nosso general a um seu primo chamado Antonio Fernandes, que lhe recompensaria liberalmente o atrever-se a matal-o, para o que se passaria tambem ao inimigo, fingindo-se da mesma opinião. Resoluto a fazer, espreitou occasião, e passado ao inimigo, reconhecendo de longe Calabar, correu a juntar-se com elle, quando se lhe dezembainhou a espada da cinta, e cahindo sobre a ponta, atravessado pelos peitos, o que ia a matar, morreu no mesmo instante".

Veja-se que força moral assombrosa tinha esse cabo de guerra. Um vendido arranca da espada para matal-o, mas ante a sua presença de homem bom e valente, o assalariado se arrepende, se perturba, se confunde, e num impeto atravessa seo proprio peito ! Não é edificante esta scena ? Ella não photographa perfeitamente a formidavel força moral do capitão de Porto Calvo ?

Depois, Mathias de Albuquerque, vendo que não encontrava homem capaz de matar o adversario valoroso, recorreu a um vil espião. Foi esse o miseravel Sebastião Souto. Conterraneo de Calabar, de quem era compadre e amigo intimo, não titubeou em se vender. Calabar já lhe salvara duas vezes a vida, com risco de sua propria sendo uma quando ambos militavam sob a bandeira dos Filippes e outra em Porto Calvo. Além disso, Souto lhe devia innumeros favores pessoaes, sendo o ultimo a posição de ajudante do capitão Alexandre Picard, cargo rendoso e invejado. Pois foi devido á traição desse miseravel que os chefes Calabar e Picard foram cercados pelas traopas luso-hespanholas de Mathias de Albuquerque. Souto, em quem Picard e Calabar depositavam confiança, vendera-se ao adversario e affirmara aos seus chefes que não havia tropas inimigas avultadas na região de Porto Calvo e sim umas dezenas de soldados.

Confiando nessa informação, Alexandre

Picard, com um numero reduzido de guerreiros, sahiu de Porto Calvo. O trahidor mandara um aviso urgente a Mathias de Albuquerque, contando-lhe o numero de soldados brasilio-hollandêses, dizendo-lhe que seria facil surprehender Calabar e aprisional-o. E dahi a traição, mesquinha e vil. O proprio frade historiador, D. Domingos de Loreto, chama esta traição de "EXQUISITA", ao passo que qualifica a de Calabar de "UMA TRAIÇÃO SOBERBA E ORGULHOSA", traição "QUE SE MEDE A VULTO".

Mal succedidos, retornados a Porto Calvo, entrincheirados na egreja e predios circumvizinhos, Picard e Calabar, com seus valorosos combatentes, preparavam-se para morrerem com gloria, quando chegou um parlamentar de Mathias de Albuquerque.

— "O general (disse em relato o capitão Picard) mandou-me dizer que consentiria na minha sahida e na dos meus soldados do reducto em que nos achavamos e

que nos concederia livre passagem até os nossos, com a condição de entregarmos Calabar. Recusei terminantemente. Mas o nosso amigo não concordou, dizendo-me: Acceitae! Mais vale a vossa vida e a de vossos soldados que a minha. Elles me humilharão, elles me enforcarão, elles me insultarão, até depois de morto, mas eu ficarei satisfeito com este sacrificio, serei um brasileiro que morre pela liberdade patria". Em seguida escreveu as seguintes linhas para serem lidas pelo Conselho Superior: "Vós, os hollandêses, offerecestes a liberdade ao Brasil, ao meu amado Pernambuco. O destino não quiz que eu assistisse a consumação de vossa offerta, com a adhesão de todos os pernambucanos, de todos os brasileiros. Elles me chamam trahidor... Vós bem sabeis que um homem que se bateu como eu, que recusou honras e proventos, não é trahidor; si houve traição, foi uma traição justificada pela nobreza do motivo. E demais, um homem tem direito de derramar o seu sangue pela

causa que quizer. Derramei primeiramente meu sangue defendendo o interesse de Hespanha. Foi erro. Morrerei agora pela liberdade de Pernambuco, que é a promessa dos hollandêses".

— "Ao terminar, com as lagrimas nos olhos, porém com um sorriso nos labios, o nosso grande e saudoso amigo disse ao enviado do general: "Ide e dizei ao general Mathias de Albuquerque, que o coronel Picard e o major Calabar acceitam a proposta".

"Fiquei perplexo, e, chorando, apertei no meu peito como se representasse a nossa patria inteira, o heróe que assim se sacrificava". (Relatorio de Alexandre Picard a W. Aldiembert, traducção do flamengo pelo Dr. Wallitz).

Não se pense, comtudo, que essa alegria de Calabar seja inventada pelo capitão Alexandre Picard. Tanto era uma verdade, que o frade D. Domingos Loreto, no seu volumoso arrazoado, relatando o caso con-

forme o ouvira de outrem e de accôrdo com os historiadores desse tempo e com a tradição popular, que ainda palpitava em Porto Calvo, escreve:

— "Posto que lhe affirmassem (os hollandêses a Calabar) que estavam resolvidos a perecerem, pelo não entregarem, soube religiosamente offerecer, como em sacrificio á sua alma, a infamia de sua vida, *e com melancolisada alegria e triste riso fallando no semblante*, o que callava nas palavras por mostrar que sem explicar-se os entendia: — Reconheço (lhes disse) que me vejo perdido, para me não perder; pois buscou Deus este caminho de me salvar. E persuadindo-os a se renderem, capitularam: Que saindo com armas e sem bandeiras, os mandariam do Brasil a Hespanha; e de Hespanha a Olanda".

Mais abaixo, na pag. 136 (Desagravos do Brasil, livro II, cap. 13), diz o historiador catholico, desafecto rancoroso dos hollandêses e de Calabar:

— "Perdeu o tino (elle, Calabar) e por isso degeneraram os resplendores da sua valentia em sombras de traição, e no fim da vida deu a conhecer *TODA A GRANDEZA DO SEU ESPIRITO*, motivando a sua culpa uma heroica conformidade, e gloriosa penitencia. Se entre nós servira como mulato, *pelejara como branco*; *si esperara*, como prudente, corresponderiam os premios a seus meritos, como corresponderam ao famoso Henrique Dias... pois o despachou El-Rei com fôro de fidalgo, larga tença, posto de Mestre de Campo, e o Habito de Christo..."

Ahi estão dois depoimentos valiosissimos: um, do amigo de Calabar, isto é, do capitão hollandês Alexandre Picard; outro do inimigo rancoroso de Calabar e dos hollandêses, isto é, do padre hollandophobo, visitador da provincia episcopal, o iracundo D. Domingos de Loreto Couto.

Ambos concordaram em uma cousa importantissima para a rehabilitação de Calabar: a sua honradez, a sua coragem, o

seu valôr como cabo de guerra e como cidadão, o seu desinteresse o seu heroismo

Podia ser fidalgo, ter larga tença, o posto de Mestre de Campo (coronel), o Habito de Christo... Podia recuperar seus engenhos de assucar, perdidos com a sua passagem para o campo hollandês. Podia, emfim, com o seu grande prestigio, conquistado pelo seu valôr, dominar a capitania de Pernambuco, si accedesse ao convite de Mathias de Albuquerque. Mas não quiz, porque estava certo que o dominio hollandês era a aurora da liberdade e que o dominio luso-hespanhol, a noite trevosa da escravidão. Si fosse o interesse subalterno que o tentára, elle voltaria para o campo de Mathias de Albuquerque, ante as valiosas propostas desse general. Demais, recusou honrarias e dinheiro no campo-hollandês. Apenas, como major, tinha assento na mesa do Conselho Supremo do exercito dos Paizes Baixos. Foi o maximo que acceitou e isso porque sua opinião, no traçado das ope-

rações militares, era indispensavel, e sempre foram respeitadas religiosamente.

Um homem que era dessa fórma disputado por duas grandes nações (Hollanda e Hespanha), por dois grandes generaes (Mathias de Albuquerque e Weerdenburgh), não era um homem commum, um réles ladrão, um traidor desprezivel, como dizem os seus accusadores.

Devia ser um homem superiormente dotado de estimaveis qualidades.

Esse militar distincto, que desprezou dinheiro, honras, fóros de fidalguia, e que sorriu no patibulo, diante do carrasco, porque morria por uma idéa nobre, era evidentemente um heróe.

Entretanto, os detractores de Calabar gritam de todos os lados — no livro, nos jornaes, nas cathedras, nas conferencias publicas: "Calabar, o miseravel traidor, foi comprado pelos hollandêses, era um desclassificado social, um ladrão confesso, um soldado obscuro e imprestavel, um vulgar

criminoso, um réles mulato sem valôr algum!"

E assim vae sendo envenenada a consciencia do publico ignaro e da infancia das escolas com essa calumnia que já atravessou quasi tres seculos...

Em primeiro logar, o mulato de Porto Calvo não era um aventureiro sem eira nem beira. No "Auto de avaliações de Engenhos", determinado pelo fisco em 18 de Outubro de 1628, apparece Domingos Fernandes Calabar como proprietario de tres fabricas de assucar, "pelas quaes hão registrados sem protesto e com sciencia dos proprios na presente Relação ordenada por El-Rey, que Deos Guarde".

Esta relação (ou Auto de Avaliações) foi enviada ao governo hespanhol e constitue um subsidio importante para a historia economica do Brasil, no seculo XVI. Calabar era um bravo capitão, habil e previdente, tanto assim que o general Mathias de Albuquerque e o marquez de Basto, commissario do rei, revelam a sua su-

perioridade intellectual. Naquelles tempos, um homem que escrevia com o desembaraço de Calabar, não podia ser um nullo. Seus planos de combate e seus projectos de reformas, apresentados ao Conselho Superior das tropas hollandêsas, para serem estudados pela Directoria Suprema em Hollanda, foram traduzidos, e a traducção enviada com o original. Leu-a mais tarde o principe de Nassáu e della approveitou muita cousa, quando foi tempo opportuno. Sua carta a Mathias de Albuquerque, após sua passagem para os hollandêses, é um attestado vibrante de seu patriotismo. Diz ahi o pernambucano Calabar:

> — "*Depois de ter derramado meu sangue pela causa da escravidão que é a que vós defendeis ainda, passo para este campo, não como traidor, mas como patriota, porque vejo que os hollandêses procuram implantar a liberdade no Brasil, emquanto os hespanhóes e portuguêses cada vez mais escra-*

visam o meu paiz: Como homem tenho o direito de derramar o meu sangue pelo ideal que quizer escolher; como soldado, tenho o direito de quebrar o juramento que prestei enganado. O meu desinteresse é sabido por aquelles que foram meus chefes. Quizeste confiar-me um honroso posto na frente de vossas tropas. Recusei. Si meus bens se acham em terras occupadas pela vossa gente, não é visivel que só eu tenho a perder com a minha mudança de bandeira? Derramei meu sangue por uma causa que reputava santa e que entretanto era a da escravidão de minha patria.

E' a causa que vós defendeis. Com os seus actos, os hollandêses têm provado melhor que os portuguêses e hespanhóes. Emquanto nas terras por vós occupadas existe a mais negra escravidão e tyrannia, elles, não sómente protegem materialmen-

te os naturaes do paiz, como lhes dão até liberdade de consciencia. Em Recife e Olinda, como na Europa, cada um pensa como quer. E entre vós ? Vós bem o sabeis. Com o mesmo ardor e sinceridade com que me bati pela vossa bandeira, me baterei pela bandeira da liberdade do Brasil, que é a Hollandêsa. Tomo Deus por testemunha de que o meu procedimento é o indicado pela minha consciencia de verdadeiro patriota — Domingos Fernandes Calabar".

Que era um admiravel e utilissimo elemento que Mathias de Albuquerque e a Hespanha perdiam, dil-o o proprio Marquez de Basto, representante da Metropole, nas suas "Memorias Diarias", observação de 20 de Abril de 1632 (pag. 45):

— "Abril, 20. Foi para o inimigo um mulato chamado Domingos Fernandes Calabar, natural da parochia de Porto Calvo, em Pernambuco, onde tinha ainda mãe e

alguns parentes. Assistiu e serviu ao pricipio desta guerra... — *tendo elle (Calalabar) muito valor e astucia,* e sendo o mais pratico em toda aquella costa e em terra... — *Como o nosso general lhe conhecia o talento, sentiu muito esta fuga... Muito estimou elle (o inimigo) a presença do novo companheiro*".

Um homem que passando de um campo para outro, deixa no primeiro saudades profundas e provoca no segundo grandes alegrias, não póde ser um desprezivel ladrão ou um miseravel bandido.

E tanto não o era, que o general Mathias de Albuquerque, não se conformando com a sua ausencia, escreveu-lhe, chamando-o com empenho e promessas regias. Aqui está o documento:

> "... *Domingos Fernandes Calabar. Hé tido o vosso acto como tentação de Satanaz que protege os herejes, e por isso digno de perdão. Em nome Del Rey vos offerecemos a restituição de vossas bemfeitorias*

e bens, 50.000 cruzados de compensação, a tença que em razoavel pedirdes, o posto de Mestre de Campo o titulo de Dom, fidalguia só concedida aos grandes da Terra, o Habito de Christo, a amizade d'El Rey e a nossa. E o que ainda quereis que não vindes? A vossa intelligencia, os vossos admirados conhecimentos, o vosso invejado valor, são pedidos por El-Rey, Nosso Senhor. Sabeis que os soberanos poderosos tem em suas mãos o premio e o castigo, que será terrivel, porque nós havemos de vencer. Que podem os hollandêses, tão poucos, contra o poder glorioso Del-Rey Nosso Senhor? Que póde o Espirito Máo que protege os hollandêses contra Jesus Christo e seu Padre que nos ajudam Lembrae-vos de vossa gente e de vosso Rey e de vosso Deus, porque ainda he tempo. E elles vos querem

muito e vos receberão de braços abertos e feição alegre".

O Visconde de Porto Seguro, detractor de Calabar, confessa que varias vezes Mathias de Albuquerque tentou attrair Calabar para as fileiras luso-hespanhólas, por sentir a necessidade de seu auxilio. E apesar, diz elle, das instantes offertas, aliás valiosas, o mulato de Porto Calvo permaneceu irreductivel.

Na pag. 240, confirma os beneficios incentivando o commercio e a lavoura, por meio do emprego de capitaes de Hollanda e do credito a longo prazo:

— "... não só a maior parte das vendas (de mercadorias) se fizeram a credito e pagaveis a largos prasos, mas muitos lavradores foram abonados, egualmente a credito, para ser o seu valôr indemnisado em assucares".

O regimen adoptado pelos hollandêses nas terras brasileiras que elles conquistavam era o seguinte, que aqui transcrevemos

em resumo, duma proclamação de 13 de Janeiro de 1632:

1.º) — Afiançamento de liberdade de consciencia e do serviço do culto de cada um, com a devida protecção das crenças individuaes;

2º) — Garantia de paz, de justiça e de protecção contra quaesquer inimigos;

3.º) — Segurança de propriedade, mediante o pagamento de impostos devidos ao estado (direitos e alcavalas);

4.º) — Concessão de toda protecção aos tratos e negocios;

5.º) — Franquia de passaportes aos que para os seus negocios se quizerem ausentar por mar ou por terra;

6.º) — Isenção aos brasileiros de serem obrigados a tomar armas contra as forças luso-hespanhólas, com a condição, porém, de se retirarem si a cidade (ou logar por elles habitado) estiver em risco grave de ser recuperado pelas tropas de Portugal e Hespanha;

7.º) — Direito de recorrerem nos tri-

bunaes do paiz até contra os proprios officiaes hollandêses e contra o governador, nos casos contenciosos;

8.º) — Estabelecimento de juizes brasileiros que, nas questões entre naturaes do paiz, decidam as pendencias de accôrdo com as Ordenações do Reino de Portugal, como era costume no Brasil;

9.º) — A faculdade de poderem andar armados para se defenderem de ataques de salteadores e inimigos pessoaes;

10.º) — Obrigação mutua do governador hollandês e do povo brasileiro: aquelle garantindo a justiça, o direito e a liberdade dos brasileiros; e este respeitando as leis decretadas. Exercicio livre de todas as profissões; Direito pleno de locomoção. (*Hollandêses*, folha 118).

Compare-se tal legislação com as leis draconianas de Hespanha e Portugal. A Hollanda garantia a propriedade individual, dava liberdade politica e religiosa, protegia a industria, a agricultura, as artes, o commercio. Facultava o direito de locomoção

e de querella. Nem os governadores e capitães estavam a salvo de Justiça. Instituira o tribunal popular, com elementos brasileiros. Estabelecera a primeira Assembléa Legislativa da America, denominada *Camara dos Escabinos*, composta de brasileiros e presidida pelo governador. Esboçara a creação duma Universidade. Fundára escolas para brancos, negros e indios. Concebera um plano de ensino primario obrigatorio. Emfim, era uma verdadeira organização republicana, cheia de promessas de liberdade. E a Hespanha? E Portugal? Os avisos régios, os alvarás, as relações, as ordenações, são fartas mésses que se encontram á mão de qualquer curioso. Tamanha era a tyrannia, que se tem a impressão de que o povo brasileiro daquelle tempo era um povo de cafres ou hottentotes.

O brasileiro não podia abrir escolas; não podia fazer tecidos nas suas rócas e fusos; não podia exercer profissão de artes

manuaes; não podia ter outra religião sinão a catholica; não podia receber livros ou tel-os em casa; não podia querellar os senhores do reino; não podia sahir da Colonia. Não havia justiça, nem liberdade. A Hollanda, como se viu na sua proclamação de 13 de Janeiro de 1632, offerecia justiça e liberdade.

Ora, ante a alternativa — Hespanha e Hollanda — é claro que o bom brasileiro deveria escolher a segunda. Demais, admittir-se que Calabar não tinha o direito de se bater ao lado dos Hollandêses, por já se ter batido contra elles, é privar a criatura do livre arbitrio, tornando-a immutavel. O homem póde julgar que uma causa é sagrada, mas ao reconhecer que está em engano, tem o direito e o dever de mudar de idéa. Si Calabar trahiu, trahiu a Hespanha que escravisava o Brasil. Vencidos os hollandêses, o Brasil continuaria como continuou, uma simples colonia, uma região escravizada.

Que dominio seria preferivel, o da

tyrannica monarchia hespanhola ou da liberal Republica Batava ?

Calabar, batendo-se contra os hollandêses, ferido em combate, destemido e patriota, com o seu sangue irrigou o torrão natal, julgando que o defendia; depois, convencido de que combatia em favôr de uma causa prejudicial ao Brasil, qual a do dominio Hespanhól, se mudou para os hollandêses e tambem se bateu, ao lado delles, com bravura e dignidade, certo que batalhava em favôr do engrandecimento da sua patria.

Em verdade, o dominio hollandês representava a prosperidade e a grandesa do Brasil. A Hollanda, ha tres seculos, instituira em Pernambuco um regimem de liberdades, com fórmas verdadeiramente republicanas: progresso material ao lado da liberdade de acção individual e respeito á consciencia religiosa e ao pensamento politico e civil dos brasileiros. Até na criação das Camaras de Olinda e do Recife, (*Camara dos Escabinos*), com representantes do povo, demonstrou o flamengo o seu alto

discortino politico e a sua promessa de liberalismo. E Calabar, comprehendendo as vantagens do dominio hollandês e por elle se batendo, foi um patriota ou foi um reprobo ? Quando se fizer a verdadeira Historia do Brasil elle será rehabilitado.

Contra elle escreveu um frade, Frei Manoel Callado, e um desaffecto, o donatario da Capitania de Pernambuco.

Nestes inimigos firmou-se Varnhagem para condemnar o grande e glorioso mulato. Disseram elles que Calabar se passara para os hollandêses por temer castigos devidos a grandes furtos. Não ha documento algum que prove isso. Provas em contrario ha muitas, como já vimos. Ora, é evidente a paixão do frade e do governador. Si Calabar fosse um ladrão e um criminoso, o seu General não sentiria profundamente a sua deserção e o Marquez de Basto (que representava o Rei de Hespanha) nas suas "Memorias Diarias" da Guerra contra Hollanda, no proprio dia da fuga de Calabar, não o elogiaria como elogiou.

O governador representava um adversario politico, isto é, a Hespanha; o frade, um antagonista religioso, isto é, Roma.

Não se pode condemnar uma criatura humana apenas pelo testemunho de dois inimigos. Os hollandêses tambem publicaram livros no seculo XVII. Os archivos estão repletos de documentos. Lêa-se tudo, estude-se tudo e julgue-se.

Eu, si fôra juiz deste julgamento historico absolveria o réu Domingos Fernandes Calabar da accusação villan que lhe fazem os seus detractores. Como brasileiro, confesso que, si na alternativa de ser vassalo do rei de Hespanha, despotico, tyrannico e mau, conhecido na Historia por Diabo do Meio dia, ou ser tributario da "Republica Flamenga", liberal e progressista, preferiria esta, que, como o proprio Visconde de Porto Seguro affirma, dava liberdades ao povo de Pernambuco e emprestava dinheiro aos pernambucanos para se tornarem agricultores.

De um lado, a politica absolutista e

fanatica dos Felippes hespanhóes; de outro a politica liberal e progressista dos republicanos hollandêses desse tempo. Ahi estava o dilemma. Calabar escolheu a Hollanda e por isso o chamaram de trahidor da Patria. Mas, si trahidor foi, não traiu o Brasil, que era a sua patria, e sim a Hespanha, que opprimia o Brasil... E si quizerem, digam então: "*o brasileiro Calabar trahiu a Hespanha, que nesse tempo opprimia o Brasil com um regimen colonial despotico e tyrannico*".

Trahidor da sua patria, isso é que não foi elle. O labéo que lhe atiraram é por demais infamante e é profundamente injusto e immerecido.

Ao brasileiro Domingos Fernandes Calabar, capitão do exercito hespanhol e depois major do exercito hollandês, ainda a consciencia nacional não fez a merecida justiça, rehabilitando a sua memoria na Historia do Brasil.

O JULGAMENTO

O tão fallado traidor Domingos Fernandes Calabar já foi julgado por tres figuras de grande valôr e realce do nosso mundo historico-politico, que o consideraram patriota e o absolveram da pecha aviltante de traidor. E Calabar foi considerado patriota por José Bonifacio (o Moço), Ministro da Justiça no Imperio, Professor notavel da Faculdade de Direito de S. Paulo; por Joaquim Nabuco de Araujo, que foi o grande parlamentar da Abolição e nosso glorioso embaixador em Washington, advogado do Brasil em suas questões de limites com paizes da America do Sul; e por Americo Brasiliense de Almeida Mello, fundador do Partido Republicano Paulista, professor egregio da Faculdade de

Direito de S. Paulo, historiador e jurisconsulto, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Vejamos os seus julgamentos sobre Domingos Fernandes Calabar.

1.º) *O julgamento de José Bonifacio*:

CALABAR

Oh! não se vendeu! Não! — elle era escravo
Do jugo portuguez — quiz a vingança,
Abriu sua alma as ambições de um bravo
E em nova escravidão bebeu a esp'rança!
Combateu... pelejou... entre a batalha
Viu essas vidas que no pó se somem!
Enrolou-se da patria na mortalha,
Ergueu-se — inda era um homem!

Calabar! Calabar! — foi a mentira
Que a maldição cuspiu em tua memoria!
Amaste a liberdade; — era uma lyra
De loucos sonhos, d'elevada gloria!
Alma adejando neste céo brilhante
— Sonhaste escravo reviver liberto;
Subiste ao largo espaço triumphante,
Voaste — era um deserto!

A quem trahiste, heróe ? na vil poeira
Que juramento te prendia a fé ?!
Escravo por escravo — essa bandeira
Foi de um soldado — lá ficou de pé!...
Viu o sol entre as brumas do futuro
— Elle que por si só nada podia;
Quiz vingar-se tambem, — no sonho escuro
Quiz ter tambem seu dia!

O pulso roixo da fatal cadeia
Brandiu uma arma; pelejou tambem;
Viram-no erguida na refrega feia,
Sombrio vulto que o valôr sustem!
Respeitai-o que amou a heroicidade!
Quiz erguer-se tambem do raso chão!
Foi delirio talvez — a eternidade
Teve no coração !

Ah! que o Céo era lindo, e o sol se erguia,
Como um incendio nas brasileas terras!
Da cimeira da serra a voz rugia,
E o som dos ventos nas remotas serras!
Adormeceu... á noite em funda calma
Ouviu ao longe os echos da floresta;
Bateu-lhe o coração... triste sua alma
Sorriu-se — era uma festa!

Homem — sentiu na carne desnudada
O açoite do algoz nodoar-lhe a honra,
E o sangue sobre a face envergonhada
Mudo escreveu o grito da deshonra!
Era escravo! — deixai-o que combata;
Livre nunca elle foi, quer sel-o agóra,
Como o peixe no mar, a ave na matta,
Como no céo a aurora!

Oh! deixai-o morrer! — deste martyrio
Não alceis a calumnia ao gráo da historia!
Que fique a lusa mão em seu delirio
— Já que o corpo manchou, manchou a gloria!
Respeitemos as cinzas do guerreiro
Que no pó sacudira a altiva fronte!
Quem sabe esse mysterio segredeiro
Do sol lá no horizonte?!

Não se vendeu! Infamia!... era um escravo!
Sentiu o stygma vil, horrendo sello;
Pulsou-lhe o coração, viu que era um bravo;
Quiz despertar do negro pesadello!
Tronco sem folhas triste e solitario,
Debalde o vento assoberbar tentou;
Das asas do tufão ao sopro vário
Estremeceu — tombou!

Paz ao sepulchro! Calabar morreu!
Sobre o topo da cruz falla a verdade;
Quiz ser livre tambem — elle escolheu,
Entre duas prisões quiz ter vontade!
E a mão heroica que susteve a Hollanda
A covardia entrega desarmada!...
A vergonha eterna a Providencia manda
A' ingratidão manchada!

Morreu! mas lá no marco derradeiro
O coração de amor bateu-lhe ainda!
Minha mãe, murmurou... — era agoureiro
Esse queixume de uma dôr infinda!...
Morreu, o escravo se desfez em pó...
Ferros lançai-lhe agóra, si o podeis!
Vinde tyrannos — ella está bem só,
Dictai-lhe agóra leis!

(Das "Poesias" de José Bonifacio de Andrada e Silva, 1850, paginas 199-201).

2.º) — O julgamento de Americo Brasiliense (professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, Ministro do Supremo Tribunal Federal):

— "Não creio que haja justiça em se qualificar de ignominioso o proceder de Calabar, desde que os historiadores não deixaram consignado, de modo a não levantar duvidas, o verdadeiro motivo de seu procedimento. Como é evidente, não se tem exacto conhecimento das razões que motivaram a deserção de Calabar. No silencio da Historia, pede a justiça que não se mantenha esse juizo tão severo, irrogando injurias á memoria do infeliz pernambucano.

A consciencia publica não está até hoje esclarecida por provas irrecusaveis sobre todas as circumstancias do acontecimento: Não é licito á imparcialidade do historiador criar ou alimentar precipitadas opiniões, *especialmente contra um homem, nascido em uma provincia, de elevados e patrioticos sentimentos*, e que começou a sua carreira militar no Campo do Bom Jesus, ao lado de Albuquerque, Camarão e outros". (Lições de Historia, 1877, pags. 80-81).

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)

A Ortografia Oficial

O autor, Secretario Geral e Membro da Comissão de Gramatica da Academia Brasileira de Letras, é dos mais autorizados na materia.

2.ª edição — 10.000 exemplares

Considerações sobre o acôrdo luso-brasileiro.
As reformas ortograficas de 1907, 1912, 1924, e 1929.
O acôrdo de 1931.
Como se deve escrever. . .
O formulario ortografico oficial.
A oficialização do acôrdo.
Formulario alfabetico para a consulta.
Vocabulario.

O mais acertado e util dos comentarios do novo sistema de escrita.

Volume, br. ..... 3$000

ANTONIO DE MORAES SILVA

Dicionario da Lingua Portuguêsa

Completo pelo vocabulario, sinonimo e citações, exato na prosodia e etimologia, o **Dicionario de Moraes** está valorisado por um seculo de existencia, durante o qual grangeou a admiração unanime dos criticos, que o proclamaram o mais vasto, profundo e minucioso estudo vocabular da nossa lingua.

Combinam-se para recomenda-lo a todos os estudiosos as altas referencias de Leite de Vasconcelos, Candido de Figueiredo, Teofilo Braga, Rui Barbosa e João Ribeiro, que se manifestaram de forma eloquente e definitiva sobre esta obra monumental.

Os exemplares da edição de 1813, revista pelo autor, tornaram-se rarissimos. A presente tiragem é fac-simile daquela edição autentica, reproduzida sob a superior direção do dr. Laudelino Freire, da Academia Basileira de Letras.

A obra, em 2 volumes, encadernados,
40$000

BERTHA DANGENNES

CARTAS DE AMOR. — Documentos escolhidos entre a correspondencia amorosa de algumas figuras antigas e famosas, na guerra, nas letras, na politica, ou simplesmente na beleza, mas sobretudo no amor.

São paginas das confissões intimas dos grandes corações.

Lendo-as, remonta-se á origem da epistola amorosa, creação feliz dos trovadores; vê-se reconstituida a época dos galanteios polidos do seculo XVIII e dos transbordamentos liricos do romantismo.

Petrarca e Laura, Abelardo e Eloisa, Lenclos, Luiz XIV, Voltaire, Rouseeau, Napoleão, Goethe, Lamartine, Chateaubriand, e muitos outros, todos celebres, são os signatarios destas cartas. E' a recordação dos antigos, no que mais tinham de humano; a lembrança das damas formosas, que tiveram bastante espirito para escrever bem sobre os seus ilustres amores.

Cada carta é precedida de uma nota sobre o missivista. Tradução fiel e edição esmerada.

Br. ..... 5$000
Enc. ..... mais 2$000

RAYMUNDO MORAES

Raymundo Moraes descreve na sua obra os quadros fieis da natureza amazonica, revelada nas suas grandesas e misterios á admiração do Brasil culto. O seu estilo, comunicativo e eloquente, reproduz para a emoção do leitor toda a variedade grandiosa dos aspectos que emolduram a região mais rica e desdenhada do globo. Trabalhos de sabio e artista, que conjugou a verdade e a elegancia, os seus livros ficarão como a expressão viva daquele imenso capricho da natureza, e analisa a possibilidade do seu progresso.

NA PLANICIE AMAZONICA — A par da descrição do imenso vale, com a sua flora e fauna, o autor recorta os perfis dos seringueiros e pescadores, com os seus costumes tipicos, e as lendas e superstições que romantizam a sua vida rude.

Br. ..... 6$000

Enc. ..... mais 2$000

O PAIZ DAS PEDRAS VERDES — Reconstituição do passado das tribus industriosas, que ergueram ás margens do rio-mar o esboço engenhoso da civilização marajoára.

Br. ..... 8$000
Enc. ..... mais 2$00

S. GALEÃO COUTINHO

CAMBIO A 3 — Novela de critica á moderna sociedade brasileira, vaidosa e politicante, desmoralisada pela quéda do cambio. Os quadros de corrupção em que se nivelam corações e sentimentos na ansia desmedida dos lucros e prazeres faceis. Notas de profundo humorismo sobre os aspectos mais recentes da politica brasileira. Fina satira social.

Br. ..... 4$000

OSVALDO ORICO

FEIJO' — Segunda edição do "DEMONIO DA REGENCIA". Obra coroada pela Academia Brasileira de Leras, em 1929. Edição acrecida de numerosos documentos sobre a vida do Padre Diogo Antonio Feijó, "humilde enjeitado e, pelo esforço proprio, padre-mestre professor de humanidades, deputado ás côrtes de Lisbôa, ministro da Justiça, senador, rejente do Imperio".

O autor, evocando a vida brasileira na 1.ª metade do seculo XIX, realizou, no parecer de Coelho Neto, "obra de artista, em tudo digna de louvor, tanto na narrativa, interessante em todos os epizodios, como na construção, em vernaculo purissimo".

A ação do romance abranje a época mais intensa da nossa Historia, dominada pelo nosso estadista de maior energia.

Br. ..... 6$000

GIOVANNI PAPINI

SANTO AGOSTINHO — Biografia do famoso doutor da Igreja, que depois de uma mocidade dissoluta, conquista a santidade pelo zelo do apostolado nos primeiros tempos da cristianização do mundo. O autor reconstitue a época das ultimas investidas vitoriosas dos barbaros contra o Imperio romano. Livro admiravel de erudição, clareza e simplicidade. Tradução de Godofredo Rangel.

Br. ..... 6$000
Enc. ..... 8$000

BERNARDO GUIMARÃES

O SEMINARISTA — O romance mais sentimental da nossa literatura. Historia de um coração hesitante entre o dever e a felicidade.

Br. ..... 2$000

HERMAN LIMA

TIGIPIO' (Premio da Academia de Letras)

Contos regionalistas do Nordeste, aventuras do mais intenso dramatismo, em que se combinam o coração ardente e a tempera forte dos sertanejos. Descrições de exuberante colorido.

3.ª edição, vol. br. ..... 5$000
Enc. ..... mais 2$000

VIEIRA CELSO

PARA AS LINDAS MÃOS — O autor descreve, em cada conto deste livro, um epizodio historico, eternizado para o enlevo e a inspiração dos corações amantes.

Br. ..... 3$000
Enc. ..... 4$000

Os costumes da nossa gente figuram nos melhores livros.

HILDEBRANDO DE LIMA

MARÉS DE AMOR — Serie de contos e de cenas da vida praieira do Norte. Sem exceder-se no vocabulario tipicamente popular, o autor consegue exprimir a riqueza dos sentimentos que uma existencia arriscada e romantica desenvolve no coração dos pescadores. O amor, caprichoso como a onda, palpita nessas paginas, com todo o vigor e alternativa dos seus impulsos, aventuras, embates, hesitações e loucuras.

Livro singular de belezas e revelações.

Vol. br. ..... 3$000

Fª. SLANG

O ENCOURAÇADO POTEMKIN — Historia da revolta da esquadra russa na Baia de Odessa, em 1905. A mais seria tentativa que precedeu o triunfo comunista na Russia.

Br. ..... 2$000

MARIA LACERDA DE MOURA

CIVILIZAÇÃO — TRONCO DE ESCRAVOS

Livro de assuntos variados e complexos como a vida moderna, descrita pela autora com impressionante desenvoltura. — Critica profunda e destemida á sociedade, dominada pelo dinheiro e pelos preconceitos crueis. — O seculo da vertigem, do trabalho excessivo e do prazer galopante. — A situação dantesca dos pobres na civilização mecanica. — A liberdade do amor sacrificada pela moral burguêsa. — A mulher condenada a escolher entre o sacrificio e a perdição. — Religião, capitalismo e militarismo, motores cégos e tiranos da falsa civilização. — Os manejos armamentistas da diplomacia e da alta finança. — O crepusculo da humanidade, nas vesperas do exterminio geral pelas guerras quimicas. — A furia dos instintos grosseiros, aumentados pelo materialismo, a decadencia e o desespero.

Vol. br. ..... 5$000

LEONIDAS KORINFSKY

A RUSSIA NO PASSADO E NO PRESENTT — A Historia do Povo Russo. A nova posição da Russia no concerto das nações. As verdadeiras finalidades do programa sovietico. Os dirigentes comunistas julgados por si mesmos. A nobreza exilada e os proletarios dominadores. A lição dos acontecimentos. Reminicencias e profecias.

Vol. br. ..... 4$000

ADOLPHO AGORIO

OS DEUSES VERMELHOS — Aspectos inéditos da Russia, que o autor estilizou neste livro, em que os curiosos das questões sociais encontrarão a palavra corajosa, sincera, verdadeira, sobre a situação moscovita.

Vol. br. ..... 5$000

ELINOR GLYN

TRES SEMANAS DE AMOR — Novela meio veridica, meio fantasista, em torno de um epizodio obscuro da Historia moderna, enriquecida pelo destino caprichoso, que envolveu numa aventura pitoresca uma joven rainha divorciada. Grande sucesso de livraria na Inglaterra e no mundo inteiro.

Br. ..... 4$000

GUSTAVO BARROSO
(João do Norte)
(da Academia Brasileira de Ltras)

O BRASIL EM FACE DO PRATA — O mais minucioso, profundo e completo estudo sobre a influencia da diplomacia e das armas imperiaes brasileiras junto aos governos turbulentos.

Br. ..... 15$000

JOSE' DE ALENCAR

AS MINAS DE PRATA — A produção mais grandiosa do romantismo. Remonta ao seculo dezesete, agitado pelos frades e governadores que pretenderam apossar-se do famoso roteiro de Roberio Dias. Desfila no romance toda a sociedade da época, atravez de episodios curiosissimos, e de aventuras de amor, que floriu entre ciladas e duelos.

Br. ..... 10$000

Enc. ..... 15$000

O GUARANY — O mais belo romance de amor da nossa literatura. Pery é o indio prodigioso que seduz e salva de mil perigos a loura e fidalga Cecy.

Br. ..... 5$000

Enc. ..... mais 2$000

CERVANTES

AVENTURAS DE D. QUIXOTE — Edição reduzida, ao alcance de todas as crianças. As aventuras principais do cavaleiro heroico, que foi o ultimo da sua raça. Um dos mais belos presentes para as crianças.

Cart. ..... 2$500

ALDO DELFINO

TERRA SEM DONO — As tragedias que originam os titulos incertos de propriedade. Revelação corajosa da verdadeira origem dos latifundios. A miseria tragica das vitimas das sutilezas da lei. As injustiças que esmagam o homem dos campos, resignado, confiante e credulo, personagem complexo na sua aparente simplicidade, revelado finalmente na agua forte do mais realista dos romances.

1 vol. br. ..... 4$000

MENOTTI DEL PICCHIA

LAIS — Neste livro combinam-se duas novelas admiraveis: as peripecias humoristicas da politica de Piquiri, e as alternativas de um amor complicado, mixto de desejo e repugnancia.

"Livro escrito com a verdade, sem o escandalo. Não se recomenda aos fariseus do preconceito, aos ingenuos e aos sinceramente pudicos."

Br. ..... 4$000

H. DE BALZAC

A MULHER DE TRINTA ANOS — Tradução cuidadosa da obra prima do prodigioso romancista, que apresentou nestas paginas a mais bela e decisiva contribuição da literatura á lei que assegura a liberdade do amor. Obra necessaria a quem quizer fazer ás mulheres a delicadeza de compreende-las.

Br. ..... 4$000
Enc. ..... mais 2$000

H. PERES ESCRICH

A FORMOSURA DA ALMA — Romance de entrecho empolgante e movimentado, que abranje um largo periodo da Historia, remontando á época tormentosa da primeira republica proclamada na Hespanha. O autor apresenta uma grande variedade de personagens, através de descrições e epizodios pitorescos, que revelam as coisas mais singulares da patria de Cervantes. Aventuras sentimentais de intensa vibração. Cenas edificantes, de sentido profundamente moral.

2 vol. br. ..... 14$000
Enc. ..... mais 4$000

GUY-GAY

DICIONARIO DO FUTEBOL — Define todos os termos empregados na técnica do belo esporte. Explica 36 casos de impedimento. Leitura indispensavel aos amadores e profissionais.

Vol. cart. ilustrado ..... 2$000

DIVERSOS AUTORES

O LIVRO DAS NOIVAS — Conselhos morais e praticos ás moças que desejam preparar-se para um casamento feliz. As normas que orientam o lar moderno. Esclarecimento dos assuntos de maior interesse das recem-casadas. Receitas culinarias e de inumeros preparados de utilidade domestica. A arte da felicidade conjugal.

Enc. ..... 8$000

EMILIO RICHEBOURG

A FILHA MALDITA — Apresenta a variedade dos sentimentos que póde conter um coração de moça, dividido entre o amor contrariado e as afeições da familia. Cenas e aspectos do meio provinciano, sacudido pelo embate entre o preconceito e a virtude. Romance de larga inspiração.

Amor! Misterio! Sentimento! Heroismo!

1 vol. br. ..... 10$000
Idem enc. ..... 14$000

PASSIFLÓRA

A DOCEIRA FAMILIAR — O livro que contem as receitas mais numerosas e as mais originais. Pratos para todas as mesas. Explicações minuciosas, em linguagem simples e correcta.

Receitas experimentadas e garantidas.

3.ª edição, revista pela autora.

Cart. ..... 5$000

ELIAS EHRENBOURG

AS AVENTURAS DE JULIO JURENITO — Personagem curioso, cético, insatisfeito, Jurenito percorre metade do mundo, provocando por toda parte o ridiculo dos homens. Epizodios de pitoresco inegualavel e paizagens variadissimas. Dialogos sobre os cachimbos e a raça judaica, o amor e a religião, a arte e a liberdade. Cenas da grande guerra e da revolução comunista. Ironia e humorismo. A maior revelação da nova literatura russa.

Br. ..... 5$000

E' digno do homem interessar-se pelos problemas humanos.

GUSTAVO BARROSO

AS COLUNAS DO TEMPLO — Estudo penetrante das lendas e tradições mais pitorescas, suas origens misteriosas e sua adatação ao meio brasileiro. O folclore através dos tempos e dos autores consagrados. Erudição e originalidade.

Vol. br. ..... 7$000

JEAN WEBSTER

PAPAE PERNILONGO — Celebre novela ironica-sentimental da literatura norte-americana. Interpretada no cinema por Janet Gaynor. Tradução diréta do original, autorizada e correcta, por Eloy C. de Andrade. Volume ilustrado com cenas do filme da Fox, e numerosos desenhos humoristicos.

TRES NOVIDADES LITERARIAS SENSACIONAIS

CAPITÃO AFONSO DE CARVALHO

CAPACETE DE AÇO — Narrativa das operações do exercito governamental no sector Léste. Trabalho fiel, documentado, completo, com uma visão e analise do conjunto, do movimento revolucionario, julgado pela classe militar, através de uma vóz autorizada. Prefacio do general Góes Monteiro.

Vol. br. ..... 6$000

Vol. br. ..... 4$000

EM TODAS AS LIVRARIAS

e na

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA EDITORA

Rua Lavradio, 160 — RIO DE JANEIRO

O CINEMA AO ALCANCE DE TODOS:
AVÊNTURAS,
TRAGEDIAS,
AMORES...
LIVRO·FILM
O PRINCIPE ESTUDANTE
OS INNOCENTES DE PARIS
CASINO DE PARIS
MAURICE CHEVALIER
Civilização Brasileira, S/A
R. Lavradio 160
R. de Janeiro.
Mark Twain
Outras Aventuras de Tom Sawyer
O ANJO AZUL
POR HEINRICH MANN
Jean Webster
Papae Pernilongo
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA Editor
O Deshonrada
Por
FRANK VREELAND
Mark Twain
As Aventuras de Tom Sawyer
I LOVE YOU
Todos os volumes illustrados com as scenas dos films
ENCADERNADO - 5$
BROCHADO - 4$
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Digitalização e edição
L Vallejo
2019

https://cloneclock.blogspot.com/